

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim	N.º
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	84000	14900	4950	8120
Posseções ultramarinas (idem)...	40000	23000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	54000	28500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 561

21 DE JULHO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Fechei a minha ultima chronica referindo me ás tres novidades theatraes que se annunciavam já pelos cartazes e que deviam constituir o assumpto da minha chronica de hoje, dada a ausencia de acontecimentos sensacionais, que os mezes de verão trazem á vida lisboeta, que diga se a verdade, nunca é lá muito fertil n'esse genero, nem mesmo nos mezes que costumam ser para os chronistas das grandes capitães os mezes das vacas gordas.

Cá, entre nós, essas vacas nunca adquirem grande obesidade; e as magras, que geralmente constituem o pão nosso de cada dia, chegam a reduzir se a proporções esqueléticas n'estes mezes em que o calor e a moda afugentam de Lisboa toda a gente que tem algum vintem ou finage tẽ-lo — o que para o caso vem a ser a mesma coisa.

Os theatros de verão são portanto, n'estes mezes de fóra da terra, o unico refugio d'aquelles que não podem arredar pé da capital, o unico refrigerio d'aquelles, que além de não poderem ir por ahí fóra gozar os prazeres das villegiaturas, teem que fingir que a vida lisboeta continua a ser muito animada, e a contar a por miudos nas suas revistas.

Exactamente por eu estar n'este caso foi que noticiei essas tres novidades com verdadeiro prazer, porque além de tudo eram ellas tres assumptos que se esboçavam no horizonte para a nossa chronica d'hoje.

No fim de contas essas novidades vieram, — não todas as tres, que estavam an-

nunciadas, porque uma d'ellas, a revista do anno, de Sousa Bastos, ficou addiada precisamente para o dia em que o nosso jornal sae a publico, mas vieram duas, e eu não fiquei muito mais rico de assumpto do que até então estava.

A companhia hespanhola do theatro de D. Amelia não tem dado muito que fallar de si, não porque não tenha artistas de muito merecimento, e nem podia deixar de os ter, desde que é a melhor companhia de zarzuela que existe actualmente em Madrid, mas, primeiro, porque o genero zarzuela

está já muito cansado em Lisboa, segundo porque a entrada da companhia foi feita com o pé esquerdo.

Esse pé esquerdo foi nem mais nem menos do que uma das mais famosas operettas francezas da actualidade, um dos mais ruidosos successos de Paris n'estes ultimos annos: — a *Miss Helyett*.

Ora a *Miss Helyett* apesar de toda a belleza da sua musica, uma das mais formosas partituras de Audran, que n'ella achou a feliz inspiração que o bafejára na *Mascotte*, apesar do interesse e da gra-

ça do seu poema, que evidentemente desenhado sobre o enredo das *Demoiselles de Montfermeil*, de Theodoro Bassière, é feito com muita finura e muito espirito, nunca agradou deveras nem em Portugal nem no Brazil.

Porque não agradou não sei eu ao certo: talvez por causa do publico achar a peça demasiado franceza, talvez por causa dos artistas, por isso mesmo, por ella ser muito franceza não lhe terem dado a interpretação verdadeira; mas o que sei é que não agradou por ahí além, não teve exito, que nem mesmo relativamente, se comparasse com o que teve em Paris, como por exemplo se podem comparar de os exitos dos 28 dias de *Clarinha*, da *Mascotte*, dos *Sinos de Corneville*, da *Angot*, da *Grã duqueza*, etc.

Além d'isso a *Miss Helyett* teve em Lisboa uma *guigné* excepcional: as suas representações foram cortadas successivamente por doenças de varios artistas e até pela morte d'um d'elles, e dos principaes e que n'essa peça tinha tido o melhor trabalho da sua curta carreira, o pobre Ribeirinho da Trindade, que a tistica atirou para o tumulo, quando elle precisamente começava a agradar deveras e a fazer caminho.

No Rio de Janeiro, a peça representada pela companhia de Sousa Bastos e Juca, também não fez for-



MADAME CARNOT

(Copia de uma photographia)

tuna: agradou mas viveu pouquíssimas recitas no cartaz.

D'esta vez representada em Lisboa por hespanhoes, a peça não se limitou a agradar pouco, desagradou completamente e contagiou a sua *guinga* a companhia que com ella se estrejava.

No entretanto a *Miss Helyett* tinha alcançado em Barcelona, onde se deu pela primeira vez no anno passado, e depois em Madrid e em todos os theatros principaes de Hespanha um exito de veras colossal.

O *arreglo* feito pelo sr. Salvador Maria Granés, hoje um dos auctores em voga no visinho reino, foi considerado uma verdadeira obra prima e valeu ao seu auctor entusiasticas ovações.

Effectivamente esse *arreglo* está muito bem feito, tem grande valor litterario, mas apesar d'isso a peça não agradou em Lisboa.

E esse não agrado podia prever-se facilmente. Peça franceza representada entre nós por artistas hespanhoes, difficilmente pode prevalecer, excepto quando esses artistas são já conhecidos do nosso publico e tem conquistado n'elle auctoridade.

Ora em vez de se dar este caso dava se o contrario — o de ser a *Miss Helyett* a peça de estreia de artistas desconhecidos entre nós.

E d'ahi a má impressão produzida pela peça, impressão que logo no dia immediato começou a desfazer se, com o desempenho que teve o *Rei que Rabio* e que se desfez por completo com o esplendido desempenho que teve a *Tempestad*, de Chapi.

O desempenho da *Tempestad* agradou muito, e se em vez d'esse excellente desempenho se dar com a *Tempestad*, zarzuela muito bem feita, que tem grande valor artistico, mas que pertence ao genero de zarzuela dramatica, genero que está muito fóra do gosto do nosso publico, se desse com uma zarzuela comica, como *De Madrid a Paris*, *Barberillo de Lavapiés*, *Gran Via*, *Cadiz*, *Certain nacional*, esse genero alegrissimo com que o nosso publico delira e com razão, porque constitue um espectáculo divertidissimo e interessantissimo, a companhia hespanhola teria no seu terceiro espectáculo conquistado um enorme successo e ficaria logo *na ponta*, como se costuma dizer no Brazil.

D'esse genero comico porém a companhia não deu até agora senão o *Campanone*, que é bom, muito bom, mas está já visto ha longos annos em Lisboa e um pouco velho nos seus moldes; e deve dar hoje, que escrevemos, o *Barberillo de Lavapiés*, que é uma das mais encantadoras zarzuelas que tem a Hespanha, e amanhã o *Duo da Africana*, vem dar maiores exitos n'estes ultimos annos do theatro hespanhol e acreditamos que com este genero de repertorio a companhia de zarzuela que está no theatro de D. Amelia alcançará o successo legitimo a que lhe dá direito o merito incontestavel de muitos dos seus artistas.

No theatro da Avenida deu-se com exito a opera comica em 3 actos original, que estava annunciada para estreia da sociedade artistica que se organizou para explorar aquelle theatro nos mezes de verão, sociedade de que fazem parte artistas muito applaudidos e apreciados como Joseph d'Oliveira, Adelina Ruas, Setta da Silva, Joaquim Ferreira, Ignacio, Justino e Sergio d'Almeida.

Não pudemos ainda assistir á representação d'essa peça, mas dizem nos que tem graça, situações comicas, ditos alegres, e musica muito feliz do maestro Placido Stichini.

A revista de Sousa Bastos que estava annunciada para o dia 14, não pode subir á scena n'esse dia por não estarem ainda concluidos os trabalhos do guarda roupa.

A revista vai posta em scena com um brilho desusado: guarda roupa todo novo, adereços magnificos e scenario novo tambem, pintado pelos mais afamados scenographos, Manini, Machado, Reis, Samarane, Pina e Alfredo de Carvalho.

O desempenho da peça tem obrigação de ser excellente pois está confiado a artistas como Joaquim Silva, Alfredo de Carvalho, Augusto, Queiroz, Portugal, Telmo, Palmyra, Amelia Barros, Carmen Cardozo; e enquanto ao valor da revista é d'elle garantida o nome de Sousa Bastos, de ha muito considerado mestre glorioso n'este genero em que é o primeiro e em que tem produzido verdadeiras obras primas como o *Tim tim por tim tim*, o *Tam tam*, o *Fim de secuto*, etc.

Veremos e fallaremos.

Para fechar hoje a nossa chronica uma noticia de casamento.

Casou na quinta feira, 19, na igreja de S. Jorge, á 1 hora da tarde, o nosso querido amigo o sr. dr. Mario Chagas, filho do grande escriptor Pinheiro Chagas, com a Ex^{ma} Sr.^a D. Constança Franco de Castro, filha do nosso presado amigo o sr. dr. Franco de Castro, uma das mais brilhantes illustrações da advocacia portugueza.

As virtudes, gentileza e primorosa educação da noiva, as altas qualidades de espirito, de coração e de caracter do noivo, fizeram d'essa união uma verdadeira festa para os amigos das duas illustres familias, substituindo a velha phrase tradicional, de auspicioso enlace, pela de casamento de felicidade.

Que ella dure eternamente no novo lar, são os nossos votos mais sinceros.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

MADAME CARNOT

Bôa, sympathica e insinuante, madame Carnot, a desditosa viuva do assassinado presidente da Republica Franceza, soubera conquistar a estima de todos aquelles que o seu nome e virtudes conheciam. Assim, a desgraça que a feriu, encontrou echos de pena e de dôr em todos os corações que a estimavam.

Pobre senhora! alfim de sete annos de vida official, durante a qual compartilhara uma parte dos deveres de seu marido, madame Carnot, vê se agora, de subito alanceada pela perda de seu esposo, de toda a sua ventura. Como mãe amantissima, affastada assim do bulicio do Elyseu votará esta boa senhora a seus quatro filhos todo o seu amor, toda a sua actividade. Elevada pelo destino a um supremo lugar, soube fazer se credora dos respeito e homenagens; a sua gentileza atrahira-lhe da sociedade franceza uma sympathia cuja recordação será eterna e saudosa para todos.

E d'essa vida official quantas amarguras não teria provado a bondosa senhora. E quantas tristezas no meio d'essa ventura serão agora occultadas para sempre á multidão que as desconheceu: Assim na vida privada achará madame Cecilia Carnot, novas amarguras para as quaes só o seu coração sabera encontrar lenitivo no exercicio das virtudes que a tornam tão querida.

Madame Carnot é filha d'um illustre economista, Dupont Whitte, que foi secretario do ministerio da justiça, em 1848.

Pertence pois, a uma familia á qual a França deve muito. Justo é que tambem muito, em respeito e reconhecimento, lhe tribute.

E assim é. Porém, os anarchistas essa seita destruidora que cousa alguma respeita tambem a não respeitou, engendrando o plano de raptar a boa senhora, para a terem em refens, para assim exigirem o indulto do anarchista Henry. Os anarchistas propunham se sequestrar madame Carnot no dia 24 de maio passado, dia em que ella pensava em ir aos armazens do Louvre.

O rapto estava assim planeado: collocar á porta do Louvre uma carroagem igual á da presidencia, fazer arredar o verdadeiro trem com qualquer pretexto, conseguir que madame Carnot subisse para o segundo carro e conduzi-la a um ponto dos arredores de Paris, deixando a em lugar bem seguro.

Imagine se o perigo que a sympathica dama correu, pois que os anarchistas no caso do presidente negar o indulto, assassinariam a sua esposa!

Mas Deus que vela, não permitiu que isto succedesse, pois que Carnot se adiantou; Henry foi executado antes de 24 de maio.

Que á enluctada senhora, Deus continue dispensando as suas graças é o que desejamos, minorando-lhe assim a sua dôr.

OS FUNERAES DE SADI-CARNOT

Foi no dia 1 do corrente que tiveram lugar em Paris os funeraes de Sadi-Carnot.

Ha muitos annos que não se assistia em Paris

a uma cerimonia tão imponente e commovedora, pois era geral o sentimento, alem da enorme multidão de nacionaes e de estrangeiros, que em alas compactas aguardava a passagem do feretro.

Pelas janellas apinhavam se as damas em traje de luto, os tejadilhos dos vehiculos desaparecem sob a gente que os occupa; em escadas armadas em tesoura, e em bancos e cavaletes agrupam-se rapazes e ho nens, nos telhados a mesma coisa, todos procuravam a melhor posição para ver o sahimento; o recolhimento é completo, a população assiste silenciosa á passagem do cortejo funebre, não parece que está ali o povo alegre e boçoso da movimentada Paris.

Desde as 10 horas da noite, em que o feretro foi exposto no atrio de honra do Elyseu, que o povo principiu a concorrer ali e a engrossar a multidão das ruas e praças por onde devia passar o cortejo.

Pelas 9 horas da manhã principiaram a chegar as deputações dos corpos constituídos, que deviam tomar parte no cortejo, assim como as coroas collocadas obliquamente em uns andores conduzidos aos hombros de quatro homens.

As tropas da guarnição de Paris vão formando alas nas ruas e praças por onde hade desfilar o prestito.

No atrio de honra do Elyseu está armada uma camara ardente, onde o feretro está exposto ao publico.

Às 10 horas chegou ao Elyseu Casimir-Perier, e 25 minutos depois o general Sausster dava o signal de partida, ao que as tropas, que formavam alas, apresentavam armas, ao mesmo tempo salvava a artilheria.

Uma força da Guarda Republicana a cavallo, abre o cortejo. Seguem-se quatro carros com, coroas, depois a musica da Guarda Republicana.

Começam então as deputações da escola polytechnica com a sua coroa; escola de Saint Cyr com a sua coroa; coroa do presidente da Republica seguida de uma força da Guarda Republicana.

Agora são as coroas enviadas pelos soberanos estrangeiros, conduzidas em andores, conforme já dissemos.

Uma outra deputação da Escola Polytechnica precede o carro mortuario. Este carro puchado por tres parelhas de cavallos cobertos com coberturas de crepe recanado de estrellas douradas e guarnecido de galões d'ouro, é ricamente decorado de uma opulencia extraordinaria.

Atraz do carro mortuario vê se um grupo de officiaes do exercito, que são portadores das condecorações e diplomas do finado. Segue a casa e a familia de Carnot; o novo presidente da Republica com o seu estado maior, presidentes do senado e da camara dos deputados com as respectivas deputações; corpo diplomatico; ministerio e os enviados extraordinarios das potencias, para assistirem áquelle acto, vendo-se os representantes da Inglaterra, da Alemanha, dos Estados Unidos, de Hespanha, da Italia, dos Estados Unidos do Brazil, e de todas as republicas americanas, da Hollanda, da Belgica, da Suissa, de Portugal, etc.

Viam-se ainda no cortejo muitas outras deputações, como a de mainha, as das camaras municipaes de Paris e de toda a França, de todas as escolas e institutos, do clero, da magistratura, etc.

Ao meio dia chegou o feretro á igreja de Notre Dame, onde foram celebradas as exequias que terminaram por um breve discurso do arcebispo de Paris, fazendo votos *para que a vida da presidente Carnot sacrificada ao dever seja uma grande lição e motivo de união entre todos os filhos da França pela aliança do patriotismo com a fé.*

Pelas 3 horas da tarde chegou o prestito ao Pantheon. O feretro foi collocado sobre uma pequena eça á entrada do Pantheon. Então o cortejo desfila todo pela frente e são pronunciados varios discursos, do sr. Challemeil Lacour, presidente do senado, do sr. Mahy, vice-presidente da camara dos deputados, e do general André que ao terminar tinha tambem concluido o desfilar do cortejo.

Em todo este grande acto a população de Paris conservou sempre o mesmo recolhimento.

REPRESENTAÇÃO DE PORTUGAL NOS FUNERAES DE SADI-CARNOT

Como já sabem os nossos leitores, fez-se o governo representar nos funeraes do mallogrado presidente da republica franceza, Sadi Carnot, pelo sr. Miguel Martins D'Anas, na qualidade de embaixador, expressamente nomeado para esse fim.

Não podia ser mais acertada a escolha.

O sr. D'Antas actualmente nosso ministro em Bruxellas, e decano dos diplomatas portuguezes, goza das maiores sympathias no Elyseu; e, com quanto os relevantes serviços por s. ex.^a prestados ao paiz, em algumas conjuncturas difficeis, nem sempre tenham sido apreciados pelos nossos governos, como a justiça exigia que o fossem, o sr. D'Antas logrou a merecida fama de primeiro entre todos os que por accesso ou eventualmente seguem a mesma carreira em Portugal.

Em 1831 fez parte do gabinete presidido por Antonio Rodrigues Sampaio, sendo lhe confiada a gerencia da pasta dos estrangeiros.

O sr. D'Antas é esmerado cultor das letras, acreditando com a mesma facilidade e brilho equal o portuguez e o francez. Deu lhe entrada na Academia Real das Sciencias o seu interessante livro *Les Faux Don Sebastien*.

O que, porém, torna o sr. D'Antas verdadeiramente estimavel é a gentileza e affabilidade do seu tracto, aliadas a uma elevação de character, que continúa sendo o primor da sua vida publica immaculada.

Tambem El-rei o Senhor D. Carlos, que não pôde ser excedido em galhardias de príncipe illustrado e liberal, mandou representação sua ao fúnebre cortejo.

Foi representado pelo sr. conta almirante Rodrigo Augusto Teixeira Pinha, que levava ás suas ordens o sr. capitão-tenente D. Fernando de Serpa Leitão Pimentel e o sr. capitão de cavallaria Antonio Francisco da Costa, officiaes da casa militar d'El-rei.

Recaiu a escolha do monarcha sobre tres officiaes dignos d'ella.

O sr. Pinha tanto pela firmesa e lealdade do seu character, como pelo seu valor scientifico, intellectual e moral, honra a illustre corporação, a que pertence.

Da sua biographia militar consta, ter sido vogal do tribunal superior de guerra e marinha, e haver commandado: o vapor *Lynce*; o hiate *Conde da Penha Firme*; a esquadilha niscal do norte e a do Algarve; as corvetas *Bartholomeu Dias*, *Duque da Terceira* e *Estephania*; a estação naval de Angola; a escola practica de artilheria naval; as escolas de alumnos marinheiros de Lisboa e Porto; a Escola Naval; a companhia de guardas marinhas; a divisão naval de Africa Occidental e America do Sul; e o corpo de marinheiros da armada.

Além d'isso tem desempenhado varias commissões de serviço publico sempre com a mais provada distincção.

Foi um dos officiaes, que, por indicação d'El-rei D. Luiz, de saudosissima e honrada memoria, quando serviu na nossa armada, sendo ainda infante, o acompanhou até ser accamado rei.

Esteve praticando, durante alguns mezes, na esquadra franceza do mediterraneo, e visitou officialmente as escolas practicas de artilheria naval inglezas, tendo lhe servido esse estudo de auxiliar importante, para introduzir em a nossa escola melhoramentos de tal monta, que o governo lhe conferiu por isso o grau de cavalleiro da ordem de S. Thiago.

D. Fernando de Serpa e Antonio Costa são dois sympathicos môços cheios de vida e de talento. Para nenhum d'elles tem já mysterios a sua profissão. O primeiro deu abundantes provas da sua energia e capacidade nos mares da China; o segundo é um gentil cavalleiro, que começou a sua carreira militar, distinguindo se como ajudante de campo do visconde de Sagres. Ambos, enfim desprezenciosos e affabilissimos no tracto, estavam bem ao lado do contra-almirante Pinha.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

VI

Estava situado o tribunal da Inquisição de Lisboa no bairro do Rocio, e estendia-se no tempo da nossa narrativa por uma grande area, desde o norte de um pequeno largo com que terminava, indo do sul, a linha occidental da praça do mesmo nome, até ás hortas de Valverde, que lhe demoravam ao septentrão. Já fóra dos muros da cidade; os quaes, depois de atravessarem a calçada de Santa Anna e descerem a rua das Portas de Santo Antão, pouco ao sul da igreja de S. Luiz, se encostavam a uma parte do tenebroso edificio, no seu caminho para o largo de S. Roque, onde se abria a porta do Condestavel.

Para maior clareza convem assentar que entre o palacio do conde de Almada, agora no sitio de então, porque o não destruiu o terremoto, e o palacio inquisitorial existiam três ruas, embora uma sobremodo estreita: a que levava a frente oriental d'elle quasi até ao moderno largo do Camões; e além d'isso a linha septentrional da praça não era tão recuada como hoje. De quanto dizemos pôde-se portanto conjecturar que a Inquisição occupava este largo, uma parte do quarteirão do Rocio que presentemente o limita, e uma faixa do terreno em que está o theatro de D. Maria, prolongando se para o norte até ao principio da Avenida ou a rua do Jardim do Regedor, na visinhança da qual corria a fortificação por essa banda. A frente principal cahia sobre o pequeno largo, de que falamos; a oriental, mais comprida, para a primeira das ruas intermedias a ella e ao palacio do conde de Almada, e a do norte para a rua que communicava com a Horta da Mancebia, a qual lhe ficava ao occidente, de fóra do muro da cidade, muro que por aqui em grande extensão contornava o edificio.

Constava este de um andar terreo e de mais três, embora só tivesse janellas nos quatro andares da fachada do norte, porque as do sul e do oriente contavam-se só em três. A sua parte anterior comprehendia no andar terreo e no primeiro os aposentos do bispo inquisidor geral, os dos seus criados, dos officiaes da casa, do alcaide dos carcerees, do seu guarda, e varias dependencias; no segundo aposentos de inquisidores e de seus criados, do alcaide dos carcerees e competentes dependencias, a sala publica dos tribunaes, um oratorio com s. u. retabulo e com um crucifixo, que servia nos autos da fe, onde os inquisidores e ministros do Santo Officio ouviam missa, e que dava para a dita sala, na qual tambem a ouviam os seus officiaes, o thezouro, e a Mesa Grande com o seu secreto (destinado a guarda de todos os processos, repertorios, livros e papeis de segredo); no terceiro quartos de criados dos inquisidores. No meio d'esta parte abria-se um bom pateo com columnas ou pilares, para onde olhavam as portas e janellas das casas circumstantes. A parte central continha, do oriente, nos andares terreo e primeiro, accommodações para os inquisidores e seus criados e para varios officiaes, e ainda algumas para os tribunaes no segundo andar, como a do despacho da Mesa Pequena e seu secreto, etc., e no terceiro algumas casas dos inquisidores, etc. Nesta parte, ao centro, é que estavam os carcerees, ao redor de um espaçoso pateo, que não teria menos de cento e oitenta palmos por cincoenta e cinco, sendo no andar terreo dez do lado de leste, e do lado de oeste sete na primeira ordem e dez na segunda; no segundo andar o mesmo, excepto na primeira ordem de oeste, que tinha oito carcerees, e na mesma disposição; no terceiro a disposição era igual e igual o numero dos carcerees orientaes; nos occidentaes porem havia a differença de serem nove em cada ordem. Os do oriente eram os maiores, uns trinta e cinco palmos por quinze; os do occidente mediriam vinte por doze, os maiores, e vinte por oito os menores, menos dois do ultimo andar, que teriam vinte e cinco por vinte. Os carcerees, a não serem os occidentaes da segunda ordem do terceiro andar, não recebiam a luz directamente de fóra, porque não tinham janellas nem frestas, porem das que havia nos corredores que davam para o pateo central, ou para outro mais pequeno triangular que limitava os ultimos do occidente. Em geral tinham a porta para os corredores, e as janellas d'estes ficavam em frente das portas; alguns havia comtudo na parte occidental do segundo e terceiro andar que tinham para elles tambem janellas ou frestas. No andar terreo os corredores eram substituidos em cada carcere por uma casinha de entrada com janella e porta para os patios, e da qual se passava ao carcere fechado por outra porta. Aos do andar terreo e do segundo andar ficava contigua uma cosinha. Por detraz dos carcerees orientaes do andar terreo havia um espaço destinado para as sepulturas dos presos que morriam na Inquisição: triste visinhança e triste jazigo! Os carcerees de vigia eram os do occidente no andar terreo e no segundo, no prumo d'elles; estes ultimos comprehendiam se no numero dos que dissemos terem porta e janella ou fresta para os corredores, menos três que só tinham porta. Eram, como todos os d'aquelle lado, em duas filas paralellas, e entre ellas estendia-se o corredor dos vigias. Era ainda n'esta parte central, no andar terreo, que se via a casa do tormento, e junto d'ella outra, onde os inquisidores estavam durante a sua execução. A parte norte do edificio, cuja frente olhava para a rua da Horta da Mancebia, continha em geral no andar terreo e no primeiro diversos quartos de officiaes; no segundo aposentos do terceiro inquisidor, o carcere da penitencia com o seu oratorio, a casa do seu guarda, etc., e no terceiro aposentos de outro inquisidor, carcerees da penitencia e casas com varios destinos. Nesta parte havia interiormente dois quintaes, e em todo o edificio alguns eirados, onde os inquisidores tomavam o fresco.

Eis o logar a que levaram preso Villa Real; eis a sua habitação, antes, o seu sepulcro de mais de três annos, e d'onde só devia sair para entregar a vida ignominiosamente nas mãos do carrasco.

(Continúa)

Ramos-Coelho.

DIABRURAS, SANTIDADES E PROPHECIAS

FADAS, FEITICEIRAS E BRUXAS

(Continuado do n.º antecedente)

Os gregos transmittiram aos romanos, e estes o deixaram escripto, que, não sendo solemnemente incinerados os corpos, as almas respectivas andavam errantes sem descanso, até aquelles restos mortaes serem queimados e recolhidas as cinzas.

Homero fez apparecer Patrocho, morto por Heitor, ao seu amigo Achilles, pedindo lhe reputura.

Os reis idolatras de Israel e de Judá entregaram-se á *nicromancia*, arte de evocar os mortos, adivinhando pelas sombras dos cadaveres, que appareciam de ordinario em duendes ou pygmeus ou em outras figuras phantasticas e ridiculas.

Saul tambem recorreu á *nicromancia*, quando quiz consultar a sombra de Samuel; mas este prohibiu-a aos judeus.

Em Sevilha e Salamanca chegou a haver escolas vulgares de *nicromancia*, leccionada em profundas cavernas, que foram mandadas entulhar por Isabel a Catholica.

Até ao seculo xiv era costume pintar nas paredes das igrejas e claustros imagens da morte, representadas por personagens de diversas condições, geralmente em attitudes dançantes, pelo que lhe chamavam *dança macabra*. Esta pratica foi attribuida por uns á devastação occasionada pela peste, e por outros á simples intensão de aterrar os penitentes.

Fabricio, porém, diz que a palavra *macabra* vem do poeta Macaber, que foi o primeiro a descrever nos seus versos estas pinturas.

A *cabala* comprehende os mysterios occultos deduzidos de nomes, letras, numeros e figuras dos livros divinos para pronosticar o futuro: é uma especie de bruxedo sacro. Os rabinos dizem: *Est enim cabala, aivinae revelationis ad salutiferam Dei et formarum separatarum contemplationem tradita symbolica receptio, quam qui coelesti effertur sequuntur rectro nomine cabalici dicuntur*.

O *Apocalypse* tambem é uma especie de livro magico, o ultimo dos sagrados do Novo Testamento, onde se contem as mysteriosas revelações que teve S. João Evangelista em Pathmos. Cheio de figuras, symbolos e palavras, em que os sabios tem consumido muitos annos para interpretar os pensamentos do auctor.

Assim como as seitas mais extravezantes tem tido sectarios, as aberrações por mais inverosimeis não deixam de ter crentes. Ainda ha pessoas que acreditam em *almas do outro mundo*, ou *penadas*, pertencentes a individuos criminosos não perdoados, ou que fizeram promessas e não as cumpriram. Aquelles cerebros epylepticos imaginam ver essas almas vagueando de noite em fórma de phantasmas brancos pelas capellas e cemiterios, cercadas por uma aureola luminosa... e outras vezes arrastando cadeias de ferro, cumprindo assim o seu fadario, até receberem o perdão ou lhe pagarem as promessas.

São immensos os prejuizos que dominam os espiritos fracos, como: considerar as terças e sextas feiras dias aziagos para qualquer apprehendimento; receiar o dia de S. Bartholomeu, no qual dizem andar o diabo á solta; não se sentar á mesa para jantar sendo treze o numero de commensaes; nascerem de um casal sete filhas, pois a ultima será pieira, e só poderá escapar a este fadario se fór afilnada de alguma das irmãs.

Para evitar que as bruxas façam mal ás reanças recém-nascidas cre se util conservar no quarto uma tripeça de pernas para o ar, e uma luz até se baptisarem. No Algarve chamam ás creanças, enquanto não entram no gremto da igreja *Ignacio* ou *Iguacia*, conforme o sexo, para as livrarem de feiticeiras. Dizem tambem que uma tesoiira aberta possui a virtude de afugentar as bruxas; e como estas tem grande antipathia ao trovisco e ao fumo das plantas aromaticas, perfumam com ellas as casas á noite. Entre os antigos era Faventina a divindade que tinha o poder de repelir as tentativas diabolicas.

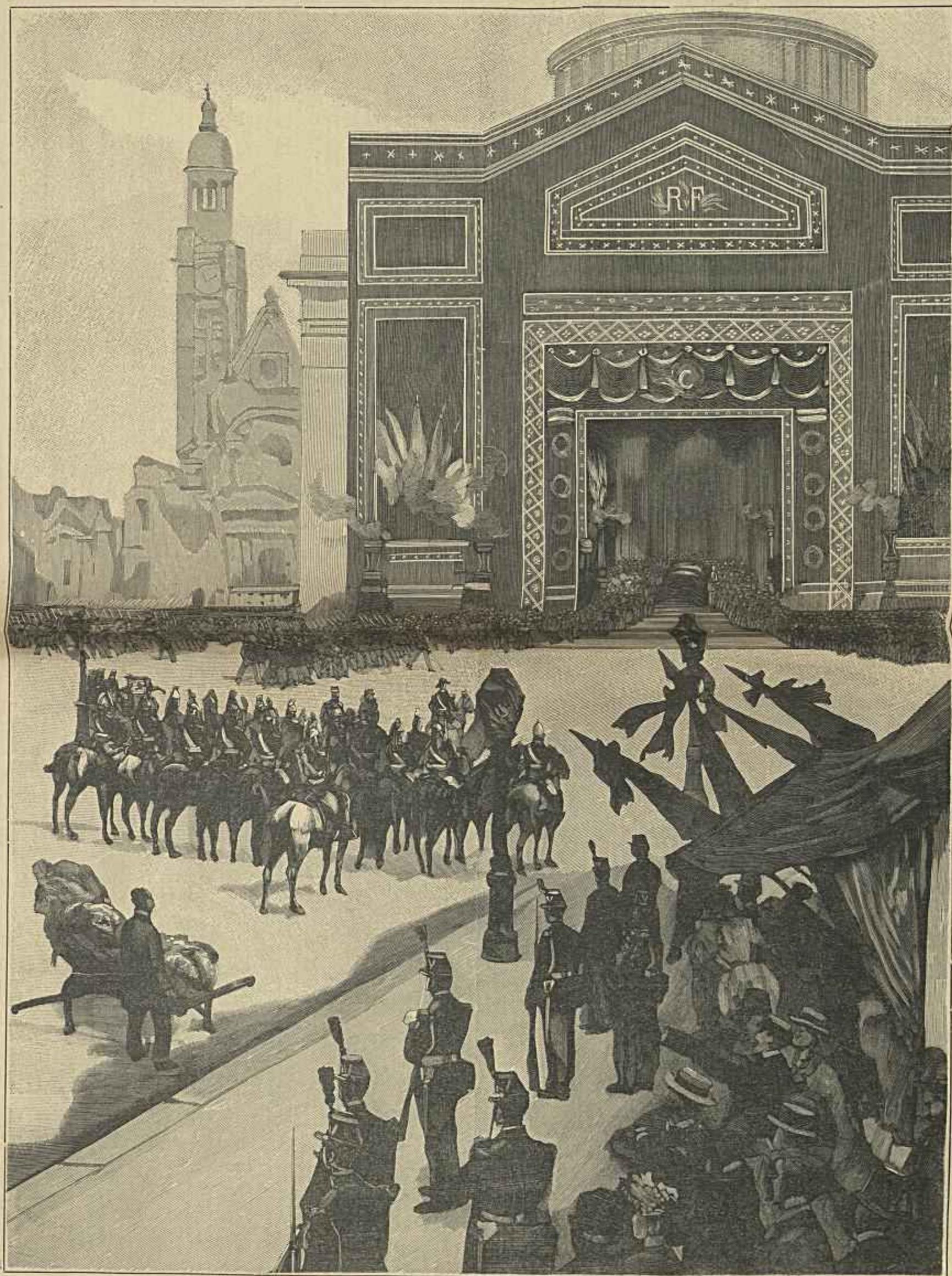
Estas e outras crenças mais ou menos extravezantes, que o povo conservava e conserva em grande parte muito inveteradas, mas que hoje repugnam á civilisação, apesar de certa belleza poetico-romantica, são communs a todos os paizes.

Francisco Manuel de Mello escreveu: *Tratado da sciencia cabala ou noticia da arte cabalística*, publicado por Mathias Pereira da Silva em 1724, 4.º de xii-212 pag.

¹ *Planta de Lisboa*, de João Nunes Tinoco, 1650.

² Esta descripção é traçada á vista do ms. — *Livro das plantas e montes de todas as fabricas das Inquisições d'ate reino e India*, de Mathias do Couto, folio em 1634, que está no Archivo Nacional, e do *Regimento do Santo Officio*. Para outras particularidades póda consultar-se a preciosa obra *Lisboa antiga* do sr. visconde de Castilho (Julio), onde ha sempre muito que aprender.

OS FUNERAES DE SADI-CARNOT



CHEGADA DO PRESTITO AO PANTHEON — DESFILAR DO CORTEJO
(Desenho composto segundo gravuras publicadas pela imprensa franceza)

Ao charlatanismo chegaram mesmo a dar-lhe o caracter official: assim o alvará de 13 de outubro de 1654 mandou augmentar o vencimento a um soldado virtuoso, que curava com palavras, impondo-lhe a obrigação de prestar igual serviço ao: seus camaradas.¹

Nos seguintes factos temos exemplos bem característicos do modo como se conservam arreigados no povo esses prejuizos.

Em 1855 tinha moradia na herdade *Devesa grande*, a uns dez kilometros de Vendas Novas,² uma familia, de que fazia parte um rapaz de 9 annos chamado Luiz, conhecido pelo *Menino virtuoso*, que desde a idade de 3 annos, possuia o dom de indicar certas ervas do campo, rosmarinho, pampilho e margaça (como é conhecido vulgarmente) que curavam todas as enfermidades. O rapaz era rude: sentado n'um carro alemtejo ou via distrahadamente milhares de pessoas que lhe contavam os queixumes, receitava as ervas e recebia qualquer esportula, segundo os teres e generosidade do consultante. A romaria foi enorme e de todas as classes sociais, até que a auctoridade, ainda que tarde e a más horas, mandou acabar com tão indecente especulação!

Em 1889 deu-se em Monte Agudo, proximo da villa de Mertola, o seguinte facto: na charneca de dias a dias inflamavam-se os pastos e os palheiros, causando grandes prejuizos aos lavradores, que atterrados foram consultar um malandro inculcado como virtuoso, o qual depois de passear o terreno com visos de observador privilegiado deu esta explicação:—«é alma penada que anda por aqui errante e perseguida pelo diabo, e como este a não tem podido agarrar para a levar para o inferno, lança o fogo a ver se assim a apanha.» Ao retirar-se tropeçou n'um calhau e gritou: «cá me deu o diabo um encontro!» O brejeiro, apesar de hem pago ao passar por um hortejo colheu os dois melhores pepinos e mettendo os nas alibeiras, disse: *Antes que o diabo os leve leve os eu!* Os habitantes dos montes proximos ficaram ainda mais assustados: alguns até abandonaram as suas casas, recolhendo-se á aldeia, e pediram ao prior que fosse fazer esconjuros ao demonio e benzer a terra. O padre teve o bom senso de se esquivar a esta farçada, e requisitou da auctoridade administrativa a repressão do brinquedo, pois os incendiarios eram conhecidos.³

Por 1890 no concelho de Armamar um curandeiro, tido por muito virtuoso, apanhou seis libras a uma pobre mulher, *scismatica de diabruras*, a titulo de comprar os ingredientes para a curar. Passados dias entrou em casa da enferma, que se chamava Genoveva, com um cão preto, um gato, um gallo, uma fuinha brava e uma cinta grande. Fechou-se com a misera n'um quarto e começou a operação por quebrar ás marteladas os dentes ao cão, ao gato e á fuinha, arrancando-lhe tambem as unhas, e cortando o bico ao gallo. Os animaes ficaram agonisantes depois do martyrio, e assim foram collocados em cruz sobre o ventre da paciente, bem seguros pela cinta. O patife virtuoso recommenidou-lhe que conservasse a mesma posição por vinte e quatro horas, afirmando que cada animal que morresse era um demonio que lhe sahia do corpo, e com a morte do ultimo fugiria o espirito do padre que a perseguia. A estúpida Genoveva aguentou, deitada de costas, os repugnantes trambolhos: os bichos foram morrendo successivamente, e a mulher considerou-se curada da doença imaginaria, abençoando a despesa feita com o curandeiro que, com taes artimanhas, vivia á custa dos pobres de espirito.

Terminaremos com o acontecido em junho de 1892 em Agueda. No Beco morava uma bruxa, cuja fama se estendia pelas terras visinhas, e por isso iam muitas pessoas consultal-a. Do concelho da Anadia foram por essa epocha pae e mãe procural a para dar remedio a um filho muito enfermo. Depois de uma serie de tregeitos e caretas a megera disse-lhe — que o filho tinha sido tocado, e que só se curaria se o levassem a uma terra que tivesse tres marcos, e sentando-o em um d'elles, dissessem á meia noite: — *Marcos que demarcaes; santos e santas demarcaes este innocente do poder de Deus e da Virgem Maria.*

Em algumas villas immundas das cidades e villas de Portugal, e mesmo pelas freguezias ru-

raes, ainda se encontram algumas d'essas mulheres a quem chamam indistinctamente bruxas, feitiçeras ou mulheres de virtude. São, quasi todas, pobres velhas desdentadas, de pelle encarquilhada, que deitam cartas, fazem bailar o peneiro e, dizendo-se commensaes do diabo, especulam com os espiritos fracos, ganhando os poucos meios para alimentar o ossudo corpo.

Conhecer praticamente as artimanhas das bruxas foi um ideal da nossa adolescencia, e essa curiosidade era augmentada pelas numerosas historietas phantasticas d'esta especie, que se contavam na villa alemtejana, onde então residiamos. Convidados por um amigo para irmos disfructar a sybilla, principal protagonista dos taes contos, que fazia prodigios de adivinhações, accettámos sem vacilar o convite.

A bruxa que causava assombro entre os povos rudes das circumvisinhanças, e a quem recorriam com certo terror, consultando-a nos lances difficeis da sua vida, morava á distancia de um kilometro da villa: de dia vagueava pelo campo e só á noite era certa no covil.

Aos vinte e cinco annos a imaginação tende para o maravilhoso e procura de preferencia as commoções fortes e agradaveis. Sem delongas deliberámos fazer a visita n'esse mesmo dia, e na tarde de 10 de dezembro de 1851, proximo das cinco horas, seguimos ambos por um atalho, armados de lanterna e bordão, em direitura á margem da ribeira, onde ficava o casebre da tia Engracia, que assim se chamava a feitiçeira.

A noite estava invernososa, e o negrume era tão intenso que a frouxa luz da lanterna a custo o penetrava, mostrando apenas o trilho por onde caminhavamos. A ventania sacudia o arvoredo da cumiada, acompanhando o seu zumbido sinistro o guincho das aves nocturnas, que esvoaçavam pelas eshoracadas paredes do velho castello mourisco altaneiro á villa. A sombra das ruínas acastelladas fazia lembrar o celebre palacio Aladino d'onde surdião os genios arabes.

Este introito com visos tetricos implicava com o systema nervoso, produzindo algumas vibrações inexplicaveis mas, até certo ponto, agradaveis e harmonicas com a phantastica empresa que íamos tentar. O companheiro sem mostras de poltraniçese nem de fanfarrão caminhava silencioso com visos de impressionado.

Finalmente, depois de 15 minutos de mau caminho, enxergámos a custo a margem da ribeira, orlada irregularmente de algumas enfezadas tamarqueiras. Esta verdura, e a grimpada de tres ou quatro cyprestes do proximo cemiterio, era unica n'aquelle pedaço de charneca. A casa da megera ficava isolada; as paredes eram de taipa; a portada muito baixa com postigo desengonçado; ao lado ficava um pequeno forno; e sobre o heiral do telhado avultavam duas immensas aboboras meninas.

A ventania continuava a soprar rija, ameaçando chuva, e dava optimo pretexto de pedir abrigo. Ao bater da aldaba, sem mais detença, ouviu-se a voz fanhosa da tia Engracia mandando entrar, e ao transporto o limiar observámos n'um relance o recinto interior do casebre, alumiado pela classica candeia de ferro, onde em grossa torcida se queimava azeite impuro, produzindo luz haça com fumarada rançosa. Em frente da porta duas velhas esteiras, suspensas em cannas, formavam divisoria com pretensões a alcova, e sobre uma grande arca estava a enxerga immunda e esfarrapada, coberta de andrajos. Na face opposta era a lareira, onde a bruxa acocorada mehia em tisanada çagarola um cosinhado de cheiro nauseabundo, tendo á dextra um gatarrão preto agachado, á laia de viciante, que nos fitou com as phosphoricas pupillas atravez do fumo suffocador das estevas queimadas no brazido, e que por falta de chaminé se espalhava pelo casebre.

A velha, depois de entrarmos, ergueu-se um pouco, mirando-nos demoradamente e fazendo saudação mesureira indicou um tosco banco para nos sentarmos. Accetta a offerta ficámos voltados para a luz da candeia e da lareira, d'onde a custo se observava a bruxa. Era uma velha que devia orçar por setenta annos, de espinhaço curvo, tez encarquilhada encimada por uma trumpha de cabellos de um branco sujo, o nariz adunco e o queixo revirado para cima. Tinha os olhos pequeninos e vivos um pouco vesgos, as conjunctivas com aspecto de carmesim aveludado, e sobre a testa grandes oculos de vidros verdes com aros de latão que se hiam prender sobre a nuca por um atilho.

Terminadas as phrases banaes dos cumprimentos, dissemos sem rodeios — que íamos consultal-a sobre a maneira de reconhecer quando o diabo ou seus agentes influem na traição das mulheres, e quaes os meios a empregar para a evitar.

A sibylla poz os olhos em alvo, deitou em seguida as cangalhas para o nariz e contrahindo a face em astuta careta com visos ironicos, respondeu:

«Os senhores veem se divertir. Conheço logo os que desejam consultas e os que intencionalmente veem disfructar me. Coitado de quem precisa!... As bruxas, adivinhas ou mulheres de virtude estão muito decadentes na corte infernal; as que se encontram estão velhas e indigentes e vivem á custa da ignorancia por diversas astucias. É profissão desacreditada e apenas explorada pela miseria. Já lá vão os felizes tempos em que por interesse e gosto se podia cultivar a arte diabolica. No sexo forte tambem ha individuos que teem pacto intimo com Satanaz: são os *lobishomens*, raça estúpida e manhosa, que só se distinguem pelas desgraças do seu triste fadario. *Coitadinhos!*»

Pelo que deixamos dito se conhece que a tia Engracia não era uma bruxa vulgar mas mulher muito ladina, sem letras mas com boas tretas na arte nigromantica. Especulava com a credulidade do forasteiro conforme o grau de illustração que lhe reconhecia.

Depois de pequena pausa continuou: «Saibam que Satanaz, rei dos infernos, tem a cauda comprida e recurva, que esconde difficilmente: por mais cuidado que empregue quasi sempre fica a pontinha de fóra, e os rapazes logo a descobrem, motivo por que tanto d'elles se receia. A sua cor são dois bellos corninhos sahidos da vasta trumpha avermelhada. Os seus principaes agentes são as feitiçeras, e d'estas o que poderei dizer que os senhores ignorem? As antigas acabaram; pertencem á historia. As de hoje são apenas honorificas e muito conhecidas de Vossas Senhorias que frequentam a sociedade elegante. São entes humanos, de corpo delicado, rosto formoso, labios cor de rosa que parece brotarem perfume, voz melodiosa, embriagando pelo encanto, olhos de um aveludado que fascinam de meiguice e inspiram torrentes de poesia, mesmo aos que não são poetas. Tambem as ha de falsa encadernação, com a face coberta de pó de arroz e encarnada, chegando o arrebique até o esmalte, cabelo... dentes... são as fraquezas do sexo: para augmentar ou conservar o dominio seductor... valem-se de muitos recursos artisticos, tanto da pintura como da esculptura. Os homens sentem infinito prazer em se deixarem enfeitizar por estas creaturas tanto de belleza natural como artificial, e difficilmente lhe descobrem as manhas e o pacto com o diabo.»

Ao terminar a predica levantou os oculos para a testa e mudando de tom disse: «Vamos ao que importa. Os senhores do que mais precisam é do infalivel conjuro para o salgamento da porta do ente amado: tem de ser feito tres noites seguidas, e o coração da perfida ficará todo ternura e constancia. Não ha indifferentismo nem levandade que lhe resista. Ainda não falhou... experimentem se querem gosar amor feliz... Pela oração cada um paga segundo a sua generosidade.»

Atirámos-lhe para o regaço dois cruzados novos, moeda então corrente, e dissemos a duo: — venha a oração.

A velha deitou lusio ardente sobre a esportula, que arrecadado logo com certa soffreguidão, e com voz um pouco tremula disse: escrevam que eu digo a de cor.

Abrimos a carteira e transcrevemos *ipsis verbis* o que a megera dictou, e que nos dá hoje a ventura de offerecer a prodigiosa oração-talisman aos amantes infelizes:

«A porta de... venho resalgar, para o meu bem e não para o meu mal, para que ao marido, amante ou namorado que aqui quizer entrar se arme tal rio tal mar, tal guerra e tal desunião como Ferra Braz com seu irmão: esta (deita uma mão cheia de sal) é para Caiphaz; esta (outra mão cheia de sal) é para Pilatos, esta (terceira mão de sal) é para Herodes, e para o diabo coxo, que lhe aperte o garrocho que o faça estalar, e não possa descançar sem á porta assomar quando eu passar e commigo falar; tudo que souber me contará, tudo que tiver me dará, todos os homens abandonarão e só a mim amará.»

(Continua).

A. C. Teixeira de Aragão.

A SOPA ECONOMICA E UM CHAPEU ALTO

A Cozinha Economica, essa sympathica e caridosa instituição ainda ha pouco fundada por um grupo de senhoras, da alta sociedade, á frente das

¹ J. Pedro Ribeiro, *Indice chron. e crit.*, part. vi, pag. 199.

² A herdade pertencia ao sr. Duão de Sá, de Montemor-o-Novo, e o *Menino virtuoso* era filho do trabalhador José Maria e de sua mulher Joanna.

³ A narrativa foi-nos feita por individuo que presenciou os factos.

quas está a sr.^a duquesa de Palmella, tão nobre nos títulos herdados, como nos sentimentos do mais puro amor da caridade, deu lugar a um curioso e engraçado duello poético, entre dois poetas de talento que se occultam sob o pseudonymo de Ernesto Pymqsh um, e outro sob o de Kareka.

Foi o caso que Pymqsh visitou a Cosinha Economica e comeu lá um jantar e achou-o tão bom, que fez logo ali os seguintes versos, que offereceu ás bondosas senhoras fundadoras d'aquelle instituto:

DEPOIS DE UM JANTAR NA COSINHA ECONOMICA

I

Era tão boa a comida,
Que nem eu posso deixar
De dizer alguma cousa.
A respeito do jantar.

Não tem *foie gras*, nem gelados;
Não tem peru com recheio,
Nem mesmo o podia ter
Um jantar de quatro e meio.

Mas tem sopa com fatura,
Um vinho que não é mau,
E com as melhores batatas
O mais fino bacalhau.

Eu cá vou lambendo os beijos,
De hoje em diante, vereis,
Hei de vir todos os dias
Jantar por noventa réis.

Que mais direi?... Obrigado...
Obrigado sim, em nome
Dos pobres, dos desgraçados,
Dos que tem frio e tem fome.

II

Mil benções venham dos ceos
Aos vossos filhos, senhoras!...
Que lhes afague o bom Deus
As cabecinhas tão louras.

É o premio que merece
Quem, nos faustos da riqueza,
O Evangelho não esquece.
E trata assim a pobreza.

Ernesto Pymqsh

Estes versos, que vieram a publico em uma folha da capital, suscitaram reparo ao poeta Kareka nos seguintes versos:

ATTENTEM N'ISTO

Um senhor de chapéu alto
Foi á *cozinha economica*...
E causou-me sobresalto,
Por elle não andar salto
De *mossa luzente e sonica!*

Se o meu oího o caso espreita,
Se não penso como um louco
Que as idéas nunca ageita...
Tal *cozinha* só foi feita
Para o bello chapéu de côco.

Retorquiu Pymqsh com um soneto em que desafiou Kareka a um duello á poesia.

Não podendo transcrever todos os sonetos que constituíram o duello, escolhemos os que se seguem, e nos parece serão lidos com prazer.

De Ernesto Pymqsh:

Esta agora só com a breca!...
Julga então o meu menino
Que quem usa chapéu fino
Nunca tem falta de *leca!*

Que tal está o da rabeca!...
Não me troce, que eu afino,
Faça cousa de mais tino...
Venha d'ahi, seu *Kareka*.

Diga a hora, marque o dia,
Para um duello á poesia
O convido em phrase amiga.

Sós os dois, e a nossa musa...
Aposto já que recusa?
Seu poeta d'uma figa!

De Kareka:

Embirro, illustre muchacho,
Em teimas nunca eu afrouxo:
Quem compra chapéu no Roxo
É lá homem que anda em baixo!...

Eu cá é que pobre *m'acho*
Porque o fado me foi chôcho;
E ando triste como um môcho,
A rapar o fundo ao tacho!

O senhor vive no luxo,
E nunca foi á Rabicha
Ao carapau e ao cachucho!...

O soneto que me esguicha,
Torne já com elle ao bucho;
Quando não, nós temos rixa.

De Ernesto Pymqsh:

D'essa musa espantosa e desharmonica
Um grande pontapé levou a esthetica!
Manda-me antes tocar essa epileptica
O zabumba da *Lucritel* philarmonica.

Por ser capricho meu ver-te a veronica,
Que deixasses, pedi, a vida ascetica,
Para vires fazer scena poetica
Libando copos bons de pinga tonica

Mas dize-me, ó poeta epigrammatico,
Pois ignora o teu genio, tão lunatico,
Que o bom vinho é que inflamma a veia comica?...

Então pega na penna, corre lepido...
Anda lutar commigo, audaz!... intrepido!...
E comer a fartar sopa economica.

De Kareka:

Um duello? Oh, com a breca!...
A idéa julgo-a maluca;
Mas não pense me amachuca
Como a qualquer alforreca!

Eu cá não tenho *fageca*,
Ameaça não me embatuca...
Saiha que não dobra a nuca.
Este velho, este *Kareka!*

A' luta! Não tremelico!
Que não sou de raça fraca
Desde já lhe certifico!

Um de nós trã em maca,
Porque peço armas de bico;
— Venha garfo e venha faca!

O duello terminou pelos seguintes sonetos dirigidos ás caridosas senhoras da *comissão de beneficencia*.

De Kareka:

Se a dôr da fome é a maior das dôres,
Muito mais na mulher de filho ao collo;
Se o artista que deu gloria ao patrio tolo
Sente na fome o duplo dos horrores;

Esse, cuja alma a transbordar amores
Corre a acudir em tanto desconsôlo,
Deve sentir celestial consôlo,
No meio dos impulsos valedores.

Por lei do céo, ou condição da raça,
Crê-se ser o maior dos impossiveis
Acabar de uma vez com a desgraça!...

Mas Deus fez, nos seus juizos infalliveis,
Dando a môr prova da divina graça,
Florir no mundo os corações sensiveis.

De Ernesto Pymqsh:

Haveis de me attender, eu bem o sei;
O coração á dôr meigo se enlaça,
Consenti que um pedido aqui vos faça,
É grato para sempre ficarei.

O' almas bem formadas, protegei
Aquella infancia em lagrimas, que passa;
Fragmento do poema da desgraça,
Sem ter casa, nem pão, nem luz, nem lei.

Cada noite se encontra, em qualquer rua,
Uma pobre creança semi-nua,
As pequeninas mãos erguendo aos céos!

Poupae-lhe a dôr da misera indigencia,
Mil favores tereis da Providencia,
Pois... quem aos pobres dá, empresta a Deus!



REVISTA POLITICA

Tem sido tantos os boatos politicos espalhados n'estes ultimos dias sobre crise ministerial, sahida de ministros e entrada d'outros novos, complicações no seio do gabinete e assim por aqui fóra, que nos abstemos de dar credito a nenhum, para não entrarmos tambem em o numero dos novelheiros fabricantes de galgas para entreter a imaginação do indigena.

De todos os boatos que circularam o unico que por emquanto se reconheceu ser verdadeiro é o da occupação dos territorios do Kionga ao sul do Rovuma, na Africa Oriental, pelos allemães.

Este boato, que ao principio menos credito mereceu por parecer disparatado, foi o que se confirmou plenamente, e tem feito trabalhar as chancellarias de Lisboa e de Berlim na troca de notas explicativas do caso.

Uma convenção celebrada em 1886 entre o governo de Portugal e o governo da Allemanha, fixou o rio Rovuma como linha divisoria das possessões d'estas duas potencias na Africa Oriental.

O Kionga, segundo parece, ficava dentro da nossa linha de fronteira, e estes territorios ficaram considerados portuguezes, como já o eram antes da convenção.

A Allemanha, porém, parece que não o entendeu assim, e agora mandou occupar aquelles territorios, tendo ido uma esquadriha de cinco navios á bahia do Kionga e de-embarcado uma força que arvorou a bandeira allemã em terra.

Se n'isto ha engano, ou simplesmente abuso de força, é o que se verificará depois de esclarecida a questão.

As questões internacionaes são hoje o pão nosso de cada dia e por isso as responsabilidades dos ministros sobem todos os dias, tornando cada vez mais grave e mais difficil o espinhoso cargo.

N'um paiz como o nosso, em que a orientação politica é tão limitada e mesquinha, os seus homens politicos não estão educados para estas questões internacionaes que hoje preoccupam todo o mundo, e cabem verdadeiramente das estrellas quando lhes apparecem estes casos que, infelizmente por tão frequentes que vão sendo, já não devem surpreender.

Mas os governos totalmente absorvidos com a politica interna d'esta pequena familia de compadres aílhados e amigos, de mais nada pôde cuidar, tratando muito sobre posse os negocios externos, bem mais importantes que essa politica mesquinha e egoista que não deixa folgar os governos.

Tudo está indicando o erro d'esta politica, mas não ha peiores cegos do que os que não querem ver, nem peiores surdos do que os que não querem ouvir.

De todos os lados nos fazem exigencias, se levantam difficuldades, abusam da nossa fraqueza, e o paiz de concessões em concessões, iludindo-se com supostas convenções honrosas, vae passando por todas as forcas caudinas, sendo o ludibriu de extranhos.

Encontra-se só, e como não se ha de encontrar se elle não tem procurado occupar o logar que lhe competia ter entre as potencias.

Se sendo este paiz uma potencia colonial, a coisa de que menos tem curado é da sua marinha.

Como pôde ter alianças quem não tem nada com que entrar para essas alianças.

A Hollanda é um paiz mais pequeno que o nosso, mas é uma potencia colonial e tem as suas esquadras para manter as suas possessões.

Quanta responsabilidade cabe aos nossos homens de estado pelo abandono em que deixaram o que mais importava para a dignidade do paiz e, se a dignidade pôde ser interpretada de modos diversos, vamos ao positivo que mais hoje se aprecia, e então vê-mos dia a dia diminuir as nossas possessões, como uma casa que se vae empobrecendo ao desbarato.

Emquanto outras potencias quebram lanças por um simples palmo de terra, nós deixamos perder paizes que descobrimos, por não termos com que fazer respeitar os nossos direitos.

A lição vae sendo tremenda, mas infelizmente não aproveita porque a insanias é a mesma.

Profundamente triste!

João Verdades.

OS FUNERAES DE SADI-CARNOT



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Sonetos — pelo padre José Baptista Rossa. — Lisboa. — Typographia da Companhia Nacional Editora, etc. 1894. Um volume de 252 paginas. in-8.º.

Que o sr. padre Rossa era um distincto orador sagrado, já o sabiamos ha muito, bem como todos que teem tido o prazer de o ouvir discursar no pulpito, mas que era tambem um poeta, é o que ignoravamos. D'ahi a curiosidade com que fomos lêr os seus *Sonetos*, que tão amavelmente nos offereceu, e confessamos que não nos arrependemos do tempo que empregámos na sua leitura.

A lyra do sr. Rossa, sempre correctã e inspirada, é a lyra de um crente que canta as virtudes e castiga os vicios, como o auctor logo declara no seguinte soneto com que abre o seu livro :

PRELUDIO

Quem espere encontrar na minha lyra
Sons mellifluos e viços e effeminados,
Aos românticos gratos e enervados,
Saiba que isso não tive ou tenho em mira.

O meu cantar, qual é, sómente aspira
A ver os máus costumes castigados,



CONSELHEIRO MIGUEL MARTINS D'ANTAS

Castigando as paixões escreve o seguinte soneto :

A VENALIDADE E A VIRTUDE

A fome de dinheiro é fome horrenda
Que não se extingue nunea, antes augmenta ;
A mythologica hydra representa,
E no incessavel do judeu a lenda.

Tudo o que o mundo tem de compra ou venda,
Na fome de dinheiro que o dementa,
Compra ou vende : que nada poupa e isenta
De comprar ou vender na infame senda.

Vendem-se almas e corpos, paes e filhos,
Probidade e a innocencia pelos brilhos
Do vil ouro, ou por coisa que ouro rende.

Compram-se honras, amigos, protectores,
Vêus que encubram a infamia e seus horrores ;
Só a virtude se não compra ou vende.

Estes sonetos tirados ao acaso, dão já uma idéa do livro do sr. Rossa que recommendamos aos nossos leitores.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa



CAPITÃO TENENTE

D. FERNANDO DE SERPA LEITÃO PIMENTEL



CONTRA-ALMIRANTE

RODRIGO AUGUSTO TEIXEIRA PINHA



CAPITÃO

ANTONIO FRANCISCO DA COSTA

REPRESENTAÇÃO DE PORTUGAL NOS FUNERAES DE SADI-CARNOT

Os louvores do Eterno celebrados,
A virtude, o que é grande e a creença inspira.

Não são cantos que agradem á vaidade,
E muito menos ainda á impiedade,
E a quem a vida em vicios gasta e enleia.

A verdade é a musa dos meus versos ;
Busque, quem não gostar, cantos diversos,
Philtros de Circe, ou notas de Sereia.

Assim todos os seus sonetos exaltam uma virtude, castigam um erro, descrevem uma paixão e vão fazendo a critica da sociedade, muito amavelmente e até com certo humorismo como no soneto intitulado *Darwin*, mettendo a ridiculo a celebre theoria do sabio inglez sobre a procedencia do homem :

DARWIN

Um sabio de arreganho e de chupêta,
Trepando aos intermundios da utopia,
Matutou sem descanço, noute e dia,
Para inventar uma espantosa pêta.

Doutor em lettras e doutor na trêta,
Encontrou o que em ancias pretendia ;
E, Archimides da insania, se sorria
Ante a futura teca na gavêta.

A riqueza e os pincaros da gloria
Pela da *Carochinha nova historia* . . .
Que bella carambola ! que bom táco !

E eil o apregoando ao mundo, em tom pedante
De quem se julga um Jupiter tonante,
Que a humanidade é filha de um macaco.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Vae entrar no prelo este magnifico annuario para o qual se recebem annuncios até o fim d'este mez.

Recebem-se desde já encommendas na

Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo
LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª